LAËNNEC

POR

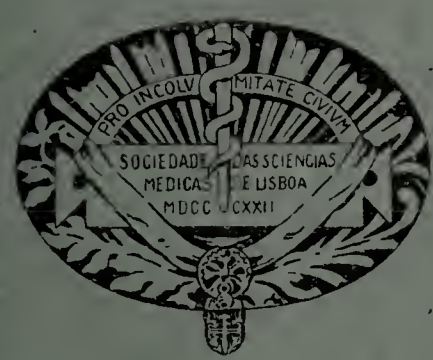
SEBASTIÃO COSTA SANTOS

SEPARATA

DO

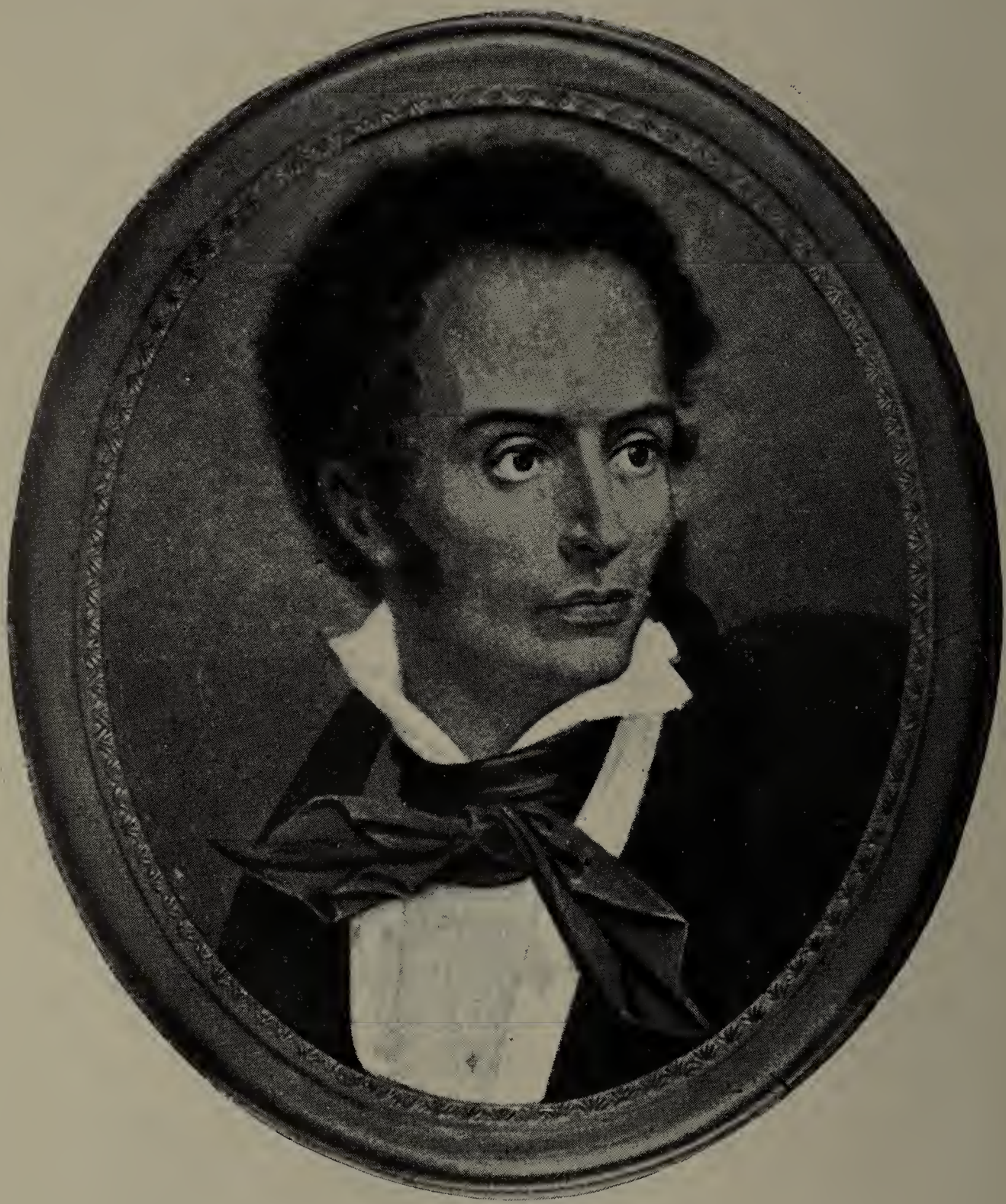
Jornal da Sociedade das Sciências Médicas de Lisboa

(Tômo XCI — fevereiro de 1927)



LISBOA
IMPRENSA AFRICANA
Calçada de Sant'Ana, 18 a 22

1927



LAËNNEC

LAËNNEC

POR

SEBASTIÃO COSTA SANTOS

Senhor Presidente,
Monsieur le Ministre,
Estimados Consócios,
Minhas Senhoras e
Meus Senhores:

Nada póde ser mais gráto ao coração dum médico amante da sua profissão do que recordar passo a passo a vida dum grande médico, mas êsse agrádo sóbe de ponto quando ao modésto galêno impende a taréfa de focar a carreira de glória dum LAENNEC.

Há glórias que a paixão eleva e que nascidas no tumulto têm necessidade de ruído para se sustentarem. Uma reflexão calma e fria é-lhes contrária porque elas declinam logo que os espíritos acalmam. Ao lado destas glórias passageiras outras há que duram e que longe de diminuirem aumentam com o tempo. São as glórias criadas por uma obra, por serviços reais ou pela descoberta de grandes e úteis verdades. A glória de LAENNEC pertence evidentemente a êste último grupo.

Mas se LAENNEC foi ardente no trabalho e tinha no mais alto gráu o culto da sua arte, possuía também um coração e um espírito assás largos para se não confinar tão sómente à sciência que voluntáriamente abraçára.

LAENNEC não foi o sábio deformádo que nós vemos tão freqüêntemente e em quem o desenvolvimento exagerado duma faculdade se faz em detrimento de todas as outras. LAENNEC foi

um homem completo e um raro exemplo de energia, porquanto, possuindo um débil corpo, em uma curta vida realizou por simples manifestação da sua vontade uma obra suficiente para ocupar uma longa existência.

René Teófilo Jacinto Laennec nasceu em Quimper a 17 de Fevereiro de 1781 e pertencia pelo lado paterno a uma família de magistrados e pelo lado materno a uma das melhores famílias angevinas. O pae, senhor de Kerlouarnec, era um advogado frivolo e intrigante, hábil em fazer versos galantes, conseguiu viver oitenta anos bem com todos os regimes políticos, desinteressando-se por completo da sorte dos filhos.

O nosso homenageado, que ficou orfão de mãe aos cinco anos de idade, começa a sua educação no presbitério de Elliant donde seu tio Miguel era prior, e continúa a educar-se em Nantes em casa do tio Guilherme que aí era médico do Hotel Dieu e reitor da Universidade.

Estas duas educações haviam de vincar profundamente no espírito fino e delicado de Laennec. A primeira, quási completamente religiosa, fez de Laennec o católico praticante que mais tarde em Paris há-de ir à missa todos os domingos e fazer parte duma congregação, acompanhando-a em peregrinações várias, o que tudo somado faz dêle o prototipo do «medicus pius, res miranda». Conta-se que o papa Pio vii estando em Paris, onde tinha vindo coroar Napoleão, recebeu em audiência um pequeno grupo de jovens médicos, entre os quaes Laennec, e depois da apresentação pousando a mão sôbre a cabeça de um dêles dissera, sorrindo-se: «Medicus pius res miranda!» A frase de tão profunda filosofia ficou e corre hoje todas as biografias de Laennec.

A influência de seu tio Guilherme, essa é mais profunda ainda; a ela se deve a escolha definitiva da carreira que êle havia de tanto honrar. Inícia o seu contato com os doentes acompanhando seu tio na visita às enfermarias do Hotel Dieu de Nantes e adquirindo, assim, as primeiras noções de medicina.

Não se contentando com os simples estudos profissionais, entusiasma-se pela história natural coleccionando com ardor insectos, plantas e minerais. Ao mesmo tempo aprende grego e aperfeiçoa-se no latim. Mas Laennec não ambicionava só ter conhecimentos scientíficos também queria possuir uma educação

mundana e na medida dos seus parcos recursos começou a tomar lições de flauta e de dança.

Rapidamente LAENNEC faz progressos em medicina, aprendendo clínica com seu tio GUILHREME e anatomia com cirurgiões do Hotel Dieu já citado. Dentro de pouco tempo é nomeado interno de um dos hospitaes militares de Nantes até que é nomeado cirurgião de 3.ª classe para acompanhar tropas encarregadas de restabelecer a paz na Bretânha.

Em 1801 parte LAENNEC para Paris para terminar os seus seus estudos. Uma vez em Paris matricula-se na *Ecole de Santé*, Faculdade de Medicina de então, onde segue os cursos de física médica, higiene, matéria médica e patologia interna. Ao mesmo tempo inscreve-se no hospital da Charité onde segue as lições de CORVISART, então professor de clínica interna. Paralelamente segue um curso de grego com o intuito de chegar a lêr HIPOCRATES no original.

Os embaraços pecuniários sucedem-se e como não perde os hábitos mundanos chega a ponto de pensar em adiar os exames e a tése por não possuir casaca capaz de envergar. Freqüênta também assiduamente a Escola Prática e aí conquista a amizade de BAYLE e as simpatias de DUPUYTREN.

Fundado em seis observações pessoais rigorosamente feitas e confirmadas pelas autópsias, LAENNEC publíca em setembro de 1802 o seu primeiro trabalho, intitulado: «Histórias de inflamações do peritoneu» que atraiu as atenções geraes. Outros trabalhos seguem, como uma observação sôbre um caso de suícidio cometido com uma navalha de barba, sôbre uma bôlsa sinovial existente entre o acromion e o húmero, sôbre as túnicas que envolvem certas vísceras e, principalmente, o início da sua colaboração com BAYLE no «Tratado de Anatomia Patológica» de DUPUYTREN, então em preparação. Todos êstes trabalhos, que faziam honra a médicos já feitos, não podiam deixar de ter influência no futuro de LAENNEC que contava apenas 22 anos de idade.

Ainda em 1803 LAENNEC obtém dois primeiros prémios, um de medicina outro de cirurgia, num concurso geral aberto pelo govêrno entre todos os estudantes de medicina.

Ainda nêsse mesmo ano DUPUYTREN abrira um curso de anatomia patológica em que retomava o plano e o método de BICHAT, o iminente fundador daquela sciência, morto no ano precedente

contando apenas trinta anos. Como LAENNEC pelos seus trabalhos e estudos tivesse chegado a outras conclusões, possuindo por isso idéas pessoais sôbre a materia, mais particularmente quanto à classificação das lesões causadas pelas doenças, cessou de colaborar no tratado de anatomia patológica de DUPUYTREN e, projectando escrever um da sua autoria, começou um curso público de anatomia patológica para o qual convocou todos os seus amigos. Inútil é dizer que êsse curso constituiu um verdadeiro sucesso para o joven professor.

Para têrmo dos seus estudos defende LAENNEC em 1804 tése que, além de bastante apreciada, obtém um certo êxito de livraria. Intitulava-se: «Proposições sôbre a doutrina de HIPOCRATES relativamente à medicina prática». O autôr desenvolvia aí a seguinte idéa: os sintômas comuns às diversas doenças interessam principalmente ao prognóstico e os sintômas especiais são a base do diagnóstico, portanto se a doutrina de HIPOCRATES, que tinha em vista o prognóstico, éra insufíciente, o seu método de observação pelo contrário, éra o verdadeiro fundamento da medicina.

A dissertação tem só 39 páginas e é visivel que foi escrita à pressa, mas apesar da concisão é trabalho muito perfeito.

Em 1805 e 1806 apresenta vários trabalhos e memórias sôbre parasitologia.

Todos êstes trabalhos atraiem as atenções gerais mas estão longe de lhe guarnecer a bolsa. Em 1805 a clínica rendeu-lhe 400 francos só. Farto de dificuldades pecuniárias, decíde-se a abandonar os trabalhos pouco remuneradôres como a colaboração no *Journal de médecine*, e a lançar-se com mais actividade na clientela privada. Instala-se numa casa melhor para poder receber os clientes e em 1812 possui uma vasta clínica tratando muitos doentes entre os quais se destaca Chateaubriand e sua família.

Não dura muito tempo esta fortuna clínica porquanto em 1814 a clientela rica foge de Paris por causa dos acontecimentos políticos e os rendimentos de LAENNEC baixam consideravelmente.

LAENNEC tinha feito as suas provas desde os seus princípios em París como possuidor dum verdadeiro espírito sciêntifico. Fizera descobertas importântes no campo da anatomia normal, da parasitologia e da anatomia patológica. Revelára aptidões raras de profissional da clínica. Mostrara ser um clínico hábil e um observador inteligente possuindo lógica e imaginação ao mesmo

tempo. Todas estas qualidades são razão mais que suficiente para explicar o seu rápido sucesso como médico e a estima e apreço gerais que lhe dedicaram os clientes e os colégas. Tudo fazia pois prevêr que tanto os Hospitais como a Faculdade de Medicina abrissem francamente as portas a uma carreira sciêntifica prevista por tão bons ínicios e devessem mesmo orgulhar-se de bem depressa possuírem um talento tão prometedor favorecendo-lhe o seu desenvolvimento. Nada disso aconteceu.

Caracter independente faltava-lhe a maleabilidade e o espírito de íntriga tão necessários, naquela época sôbretudo, em que as teorías médicas dividiam os médicos em campos fechados uns contra os outros. Logo que a sua candidatura a funções públicas era apresentada por êle mesmo ou pelos seus amigos, era certo o insucesso. O mais que Laennec consegue é ser nomeado num vago lugar de médico adjunto dum dispensário, o que lhe dava mais trabalho que interesse, e encarregado das funções de médico do Cardial Fesch, tio do imperador, lugar mais lucrativo mas-como o Cardial caíra em desgraça, o pôsto não é de bôa reco, mendação.

Eis-nos chegados ao princípio do ano de 1816 e Laennec encontrava-se fatigado e aborrecido pensando já em retirar-se para a sua querida Bretânha. Dois factos iam fazer crescêr o aborrecimento de Laennec: em janeiro, Cruveilhier apresentava como tése o seu famôso *Essai d'Anatomie pathologique*, prelúdio dos seus grandes trabalhos, e que vinha de certa maneira desvalorisar o tratado de anatomia patológica que Laennec tinha esperança de poder publicar; em maio dêste mesmo ano, com 41 anos de idade falecia o seu grande amigo Bayle ao qual Laennec devia tanto sob o ponto de vista sciêntifico e espiritual. Era bem a hora do desânimo.

Mas, como sempre, à tempestade sucede a bonança, e em agosto seguinte Laennec é nomeado médico do hospital Necker. Em setembro ou outubro, ao atravessar um dos patios do Louvre, onde se encontravam materiais vários de construção, a sua atenção foi atraída para um grupo de crianças que brincavam com uma trave de madeira, entretidas umas a riscarem com um alfinete numa extremidade e outras a escutarem com o ouvido colado à outra extremidade a transmissão e amplificação do som. A observação dêste facto foi o verdadeiro raio de luz que se fez naquêle

espírito. LAENNEC ia visitar um jovem cliente que sofria de doença do coração cujo diagnóstico estava hesitante, porque o doente sendo gôrdo não permitia uma bôa palpação e uma útil percussão e o pudôr da época éra contrário a que se fizesse a auscultação diréta. Uma vez em casa do seu clíente, LAENNEC pede para lhe darem um caderno de papel e enrolando-o tão apertado quanto possível com êle escuta os sons cardíacos, percebe-os com nitidez, marca-lhes as diferênças confórme as regiões e ouve o rúido respiratório. A sua hipótese acha-se realisáda, pois possui um instrumento com o qual poderá explorar com precisão o coração e os pulmões. Logo no dia seguinte começa a estudar sistemáticamente no seu serviço do hospital Necker as conseqüências da descoberta que fizera.

O aparêlho inventado por LAENNEC era pouca coisa mas êste já tinha o mérito de o haver encontrado e o seu genio ia fazer render êsse instrumento quasi todas as indicações que êle nos pode dar.

A' rigorosa observação clínica junta LAENNEC a respétiva anatomia patológica e assim vai acumulando materiais. O simples rôlo de papel é aperfeiçoado.

LAENNEC aprende a tornear e confeciona um cilindro de madeira macisso mas, apercebendo-se que a supressão do canal central dos rôlos melhorava a audição dos sons cardíacos e diminuia a da voz transmitida pelo pulmão, perfura o *baton,* como êle lhe chamava, com um canal. Múltiplos ensaios fôram necessários para estabelecer a dimensão do canal mais favoravel à audição.

Cilindro de papel, *bâton* de madeira e, finalmente, estetóscopio aperfeiçoado fôram instrumentos que prestaram ao seu autôr os serviços previstos: uma exata análise dos sons cardíacos e pulmonares no estado normal e no patológico e por conseqüência o estabelecimento de meios de diagnóstico extremamente precisos.

Em fevereiro de 1818 faz uma comunicação à Academia das Sciências dos resultados obtidos na auscultação da voz. Em maio, junho e julho lê à Faculdade os resultados essenciais das suas descobertas sôbre a voz, a respiração, os fervores, etc. Na primavera de 1819 põe mãos à obra que éra o frúto do seu labôr de três anos e que vê a luz da publícidade em agôsto.

A publicação do tratado da auscultação mediáta de LAENNEC representa um facto notável da história da medicina. Com êste

livro os médicos de toda a parte recebiam não só o instrumento mas também a maneira de reconhecer as doenças do coração e pulmões até aí muito confúsas.

A primeira surprêsa para quem abrir um dos dois volumes da obra é o encontrar uma linguagem sciêntifica clara, precisa e rigorosa em lugar do arrazoado quási impossivel de lêr-se dos livros de medicina daquéla época.

Ao alvorecer do século XIX éra absolutamente impossivel fazer um diagnóstico preciso das doenças dos pulmões. LAENNEC, porém, confrontando a sintomatologia vaga e geral que então se conhecia com os resultados da auscultação e da anatomia patológica consegue traçar o quadro próprio de cada doença. Assim, os sintômas novos fornecidos pela auscultação vinham tornar instructivos e dar importância aos sintômas indecisos legados pelo passado.

De resto, LAENNEC vai constatar pela inspecção a respiração peítoral que deixa imovel o abdomen na peritonite e a desigualdade respiratória entre os dois lados do tórax nas pleurisias purulentas. Pela palpação reconhece o gorgolejo nas cavernas tuberculósas e nos abcessos do pulmão, a crepitação no enfisêma pulmonar, a flutuação quando a cavidade pleural contém líquido e ar, e, finalmente, as vibrações tóracicas provocadas pela palavra e pelo canto e que desaparecem quando há derrâme líquido. A percussão, à qual por causa de CORVISART liga uma grande importância, permite-lhe descobrir o rúido do vaso rachado. Quanto à auscultação imediáta rejeita-a por completo e é por meio da auscultação mediáta com o estetóscopio que LAENNEC descreve os sintômas essenciais das afeções pulmonares.

Por meio dela estuda a respiração no indivíduo normal, quando o pulmão se torna impermeável ao ar, descrevendo depois a respiração pueril, a bronquica, a cavernosa, a soprante e a sibilante, os sopros da pneumonia e da pleurisia.

A auscultação do doente emquanto fala permite a LAENNEC descobrir variações na voz transmitida consoante o estado do pulmão. E segue o estudo no caso normal, a pectorilóquia, a boncofonia e a egofonia.

A tosse é estudada nas suas fórmas sonoras exageradas: tosse tubaria e tosse cavernosa. O tenir metálico é bem compreendido e explicado.

Mas onde a auscultação vai ser particularmente proveitosa é no estudo dos rúidos estrânhos, os fervôres, que êle classifica por fórma que ainda hoje faz lei. LAENNEC faz, assim, uma verdadeira revolução no estudo dos sintômas ou, para melhor dizer, na semeiologia das doenças pulmonares.

Mas não fica por aqui. Isto que já era muito é acrescentado também duma verdadeira revolução no estudo das doenças, na própria patologia. LAENNEC estuda uma a uma tôdas as doenças pulmonares, precisa melhor as já conhecidas e diz-nos a maneira e os modos de as reconhecer. Dissocia as afeções confundidas entre si e fornece-nos os elementos necessários para as distinguir. Finalmente, expõe doenças até aí desconhecidas ou despresadas.

E' com o seu agudo espírito sciêntifico que LAENNEC isola as bronquites agudas ou crónicas, o enfisêma pulmonar, a bronquite capilar e os catárros sintomáticos das doenças infecciosas. Descobre a dilatação dos bronquios, desconhecida até então, descreve as lesões e os seus sintômas. A sua maior obra é, porém, sôbre a pneumonia, a pleurisia e a tuberculose pulmonar. LAENNEC com o seu estetóscopio consegue fazer a destrinça entre a pneumonia e a pleurisía e descreve os sintômas que separarão para sempre estas duas afeções e que permitirão analisar a sua associação quando esta se dê. E' magistral a sua descrição destas duas doenças.

Na tuberculose pulmonar LAENNEC mostra a unidade da doença, com uma só lesão típica: o tuberculo. Esse tuberculo, é um pequeno grão cinsento, semi-transparente, do tamanho dum grão de milho ou pouco mais; quando são vários pódem confluir, amolecer e ulcerar. Com um raro espírito de previsão demonstra que as outras especies de tísica pulmonar, que então se descreviam, não eram mais do que fórmas da tuberculose pulmonar ou então doenças diferentes, fazendo da tuberculose pulmonar uma doença geral.

Infelizmente, cometia dois êrros: um, afirmar que a tuberculose pulmonar era incuravel; outro, negar a sua contagiosidade habitual.

A descrição clínica que LAENNEC faz da tuberculose pulmonar é excelente pois aos sintômas conhecidos anteriormente juntou os sintômas conhecidos anteriormente, juntou os sintômas que descobríra pela auscultação por fórma bastante completa para o 2.º e 3.º períodos da moléstia.

As descobertas de LAENNEC são a base do estudo da tuberculose e da luta anti-tuberculosa que nascida no século passado está hoje atingindo o seu mais alto grau.

E' muito mais fraco o estudo das doenças do coração e dos vasos feito por LAENNEC, pouco mais adianta sôbre o tratado de CORVISART. A sua maior glória é, porventura, o ter depositado nas mãos dos seus sucessores, POTAIN, por exemplo, um instrumento com que pudessem repetir para o coração o trabalho que LAENNEC fizera para os pulmões.

O acolhimento feito ao tratado da auscultação mediáta foi primeiramente indeciso. Mas o valôr da obra conseguiu passado pouco tempo derreter a barreira de gêlo que a rotina, a preguiça e as invejas mal contidas lhe tinham criado à sua roda. Dentro em breve em tôdos os hospitais de París e província e no estrangeiro, médicos, mestres e alúnos se exercitavam na prática da auscultação.

A débil constituição de LAENNEC não conseguiu resistir a um tão violento trabalho e, em 1818, no momento em que põe ponto final no seu primeiro manuscríto sôbre a auscultação, vê-se coagido a abandonar a sua obra, os seus estudos e a sua clínica, vencido por um esgotamento nervôso contra o qual já vinha de há mêses lutando.

Para se retemperar da abalada saúde vai passar três mêses na sua amada Bretânha, ocupando-se muito em trabalhos do campo.

No princípio de novembro de 1818 volta para París por causa do seu livro, principalmente. Alí passa os oito mêses necessários para públicar o seu tratado.

Depois, esgotado por êste último esfôrço, expede os seus moveis para a Bretânha, vende a sua livraria, dôa as suas coleções à Faculdade de Medicina, e reunindo todo o dinheiro que possui deixa París apenas com uma vaga esperança de voltar dentro de alguns anos.

Sente se bastante fraco e é justamente nêste momento em que a sua obra lhe poderia abrir a carreira do professorado e outras situações oficiais que se vê constrangido a reformar-se. E ainda não tem quarenta anos!

De novo na Bretânha, é agricultor, engenheiro, arquitecto e até mesmo advogado. Anda muito a cavalo e dedica-se a fundo ao estudo do bretão, ao mesmo tempo que retôma os seus estudos musicais. Eis aqui um repouso que em toda a parte é uma bela actividade!

Em agôsto de 1821 começa LAENNEC a encarar a hipótese de voltar para Paris, falto de dinheiro e por questão de sentimentos também. Amigos e alúnos reclamam-o. A doutrina de BROUSSAIS sôbre a inflamação alastrava e LAENNEC ardia por combatêr os seus êrros.

O certo é que a 7 de novembro LAENNEC retomava o caminho de Paris, onde pouco depois dois incidentes lhe mostravam a profunda impressão que produzira o seu tratado da auscultação e o lugar que o seu autôr ocupava já na medicina. Em novembro HALLÉ propunha *ex-abrupto* a candidatura de LAENNEC à Academia das Sciências. Em dezembro a Faculdade pretendía nomeá-lo para a cadeira de Clínica de aperfeiçoamento mas LAENNEC não aceita deixando-a livre a RECAMIER.

Entretanto LAENNEC abre um curso de Clínica no hospital Necker muito freqüêntado. Por outro lado a clientéla afluía. Eram ao mesmo tempo honra e proveito.

Uma das primeiras honras oficiais de LAENNEC foi a sna escôlha para médico da duqueza de Berry. Em agõsto de 1822 LAENNEC era nomeado professor do Colégio de França e em janeiro de 1823 membro da Academia de Medicina.

Porém, esta nomeada e estas honras íam originar graves embaraços e aborrecimentos a LAENNEC pela oposição dos seus inimigos acrescentada para mais dos incidêntes políticos que se produziam por êsse tempo na Faculdade e que a levaram á supressão pura e simples.

Para prestar mais um serviço à sciência e aos homens de valôr atingidos por tão radical medida, aceita fazer parte da comissão reorganisadôra da Faculdade da qual vai então fazer parte como professor de clínica médica. No ano seguinte era feito cavaleiro da Legião de Honra.

LAENNEC faz o seu curso de clínica médica na Charité e a multidão dos auditôres de todos os países cresce dia a dia. A's vezes para melhor se fazer compreender de todos LAENNEC fala em latim. Publíca as suas observações na *Revue Médicale*. Faz parte dos juris de exames e é severo. Três vezes por semana faz um curso no Colégio de França.

Freqüênta a Academia de Medicina onde faz comunicações várias e toma parte nas discussões. Nunca poderemos esquecer os seus esforços para encontrar um remédio para a tuberculose

pulmonar. A êle se deve o arejamento e durante a sua última doença exige que as janelas estejam abertas dia e noite.

Finalmente, é por êste tempo também que LAENNEC sustenta com tenacidade uma luta ingráta e impopular contra BROUSSAIS, que se qualificava a si mesmo de *Messias da Medicina* e com o ardôr de um soldado do Imperio assaltava o hipocratismo.

BROUSSAIS éra tambêm um bretão, nascido em Saint Malo, em 1772, de uma família de médicos. Bulhento e demândista na sua juventude, faz a sua carreira como cirurgião militar, acompanhando as hóstes napoleónicas a vários países, particularmente a Espanha e, porventura, a Portugal.

Médico e professor no Val-de-Grâce, membro da Academia de Medicina, BROUSSAIS acaba por ser nomeado professor da Faculdade de Medicina.

Em 1816 despertava as atenções do público com um livro intitulado *Exame das doutrinas médicas e dos sistêmas de nosologia.* Era um ataque cerrado a tôdas as doutrinas médicas em vóga e em sua substituição defendia a «doutrina fisiológica».

Nessa época reinava, com efeito, a nosografia filosófica de PINEL como sistêma de classificação e denominação das doenças. PINEL, como matemático e filósofo que éra, classificára as doenças como espécies animais ou botânicas.

LAENNEC, admirador convicto da obra de HIPOCRATES; diz: «O único método pelo qual se pódem adquirir conhecimentos sólidos em medicina consiste em não adotar nenhum princípio que não seja provado por um grande número de factos particulares, em estudar com cuidado os caractéres e a marcha das doenças, e em as tratar confórme as indicações tiradas da observação do que deu resultado em casos semelhantes. E' êste o método que HIPOCRATES diz ter sido conhecido muito tempo antes dêle e que êle julga o único por meio do qual se pódem fazer reais descobertas».

Classificação, método, doutrina, tudo isso vai ser combatido por BROUSSAIS, que não admíte que se faça de um grupo de sintômas uma entidade, uma doença, com uma evolução regular e característica. Para êle isso é fazer *ontologia,* isto é, uma classificação metafísica, isso é ser fatalista.

A doutrina de BROUSSAIS, fisiológica, como êle lhe chamava, éra muito simples: a saúde residia no funcionamento dos orgãos excitádos, irritádos de maneira normal pelos agentes externos,

como o calôr, o frio, os alimentos. A doença reside na perturbação causada ou, o que é excepcional, por uma insuficiencia de irritação, ou ao contrário, o que é a regra quási geral, por um excesso de irritação, daí a inflamação, isto é, inchaço, rubôr, calôr, mas não necessáriamente dôr do orgão. Finalmente a inflamação de um orgão arrasta por simpatiia a irritação de outros orgãos, e daí a complexidade da sintomatologia e a necessidade da pesquiza do orgão primitivamente lesado. A fisiologia é a sciência do funcionamento dos orgãos, portanto uma doutrina médica baseada sôbre a perturbação do funcionamento dos orgãos deve ser apelidada de fisiológica. A terapeutica era tão simples como a doutrina: como a maior parte das doenças, senão todas, eram devidas à inflamação, não havia outro fim que debilitar, por isso de aconselhar eram a sangria, as sanguesugas, a agua de gôma, a dieta. Tudo quanto não fôsse isto era veneno e prejudicial à humanidade.

Laennec, espírito, prudente e observador, não podia ficar indiferente perânte doutrinas tão revolucionárias e um ataque tão violento contra os dados estabelecidos por séculos de observação.

Alguns exemplos desta querela vão esclarecêr-nos: Assim, Laennec dizia dos tuberculos: são a manifestação duma doença particular, a tisica pulmonar, acrescentando sinceramente mas ignoro qual seja a sua causa. Broussáis encolhia os hombros e respondia: os tuberculos não têm nada de particular, são inflamação. Ora nós conhecemos hoje o bacilo de Koch, causa da doença.

Nós sabemos hoje que o fígado irritado pelo alcool fará uma cirróse, que irritádo pelas amebas da disenteria fará um abcesso, que, enfim, parasitado pela larva da *Tenia equinococus* fará um quisto hidático. A especificidade das doenças, negada por Broussáis, é pois real e a inflamação não é a única perturbação.

A moderação com que Laennec corrígiu os êrros de Broussáis foi tomada por êste como uma grande injuria, como desdém. Na edição de 1821 do seu *Exâme das doutrinas médicas* diz: «Por isso que M. Laennec é duma opinião contrária à minha, que êle a fundamente»... Broussáis queixava-se também da minucia das observações do seu adversário sem sequér se lembrar que essa minucia tornaria a obra de Laennec imortal, emquanto que a superficialidade das suas atestaria a fragilidade da doutrina que pretendia impôr-nos.

Laennec preparou uma resposta para ser publicada na *Bibliothèque médicale*, mas quando volta para París sabe que os seus amigos já tinham respondido. E' então solénemente, ao tomar posse da sua cadeira do Colégio de França, que Laennec pronuncía um magnifico libélo contra «as teorias pretêndidas fisiológicas» e contra todos os «heresiarcas» da medicina. O tipo dos «heresiarcas» era Paracelso, daí o chamarem depois a Broussáis o Paracelso modérno. Durante quatro anos prosseguiu a luta, cortês e espíritual da parte de Laennec brutal e grosseira da parte de Broussáis.

Se a descoberta da auscultação é digna das nossas homenagens não devemos porém esquecer que foi Laennec quem introduziu o método anatomo-clínico na patologia que por isso sofreu uma completa transformação deixando de ser uma sciência méramente conjectural.

Regularmente o inventor que ao lado do progredir puro das idéas pode apresentar alguma coisa de intuitivo sob a fórma de experiência ou de objectos novos, consegue bem mais facilmente que o que não trabalha senão sôbre idéas.

Assim se Laennec com o estetóscopio, exatamente como Helmoltz com o oftalmóscopio, não tivesse dado uma prova do seu saber, compreensivel ao grande número, teria provavelmente, como tantos outros sábios, esperado muitos lustros antes de se impôr à admiração.

Foi com Laennec que a anatomia patológica fez grandes progressos.

Todos êstes trabalhos e a reedição do seu *Tratado da auscultação* tinham vindo minando completamente o organismo débil de Laennec a ponto de em maio de 1826 deixar París para ir até a sua querida Bretânha habitar Kerlouarnec.

A luta entre a vida e a morte foi-se arrastando até que em 13 de agosto sentindo aproximar-se a hora fatal retirou dos dedos os aneis que trazia e colocou-os sôbre a mesinha de cabeceira. Interrogado sôbre êsse acto respondeu: «Il faudrait que bientôt un autre me rendit ce service; je ne veux pas qu'on en ait le chagrin».

Ao lado do sábio, do homem de sciência, vivia em Laennec o homem do mundo que tão bem sabia montar a cavalo e ir a uma caçada como fazer versos e tocar flauta, méritos que faziam

dêle um homem erudito e educado. O homem de sciência não eclipsava o homem de sociedade.

A posteridade tem vingado LAENNEC das vicissitudes da sua vida, pois o seu nome só tem crescido com o tempo. Em tão poucos anos não se podia fazer mais em pról da humanidade. Homenageando a sua memória, nós, os médicos, só nos honramos dignificando nêle a sciência que todos nós servimos.